



A trilogia das virtudes: Amor, Fé e Esperança como representação simbólica no magistério de João Paulo II, Bento XVI e Francisco

The trilogy of the virtues: Love, Faith, and Hope as symbolic representation in the magisterium of John Paul II, Benedict XVI, and Francis

*Rodolpho Raphael de Oliveira Santos**

UFPB

Recebido em: 03/09/2025. Aceito em: 29/09/2025.

Resumo: *Este artigo examina a representação simbólica das virtudes teológicas – Fé, Esperança e Amor (Caridade) – no magistério dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. A pesquisa parte da fundamentação bíblica, teológica e histórica dessas virtudes, articulando-as com sua simbologia tradicional. Por meio de análise hermenêutica e simbólica, com abordagem comparativa, investigam-se documentos magisteriais (encíclicas, exortações) e gestos pastorais emblemáticos (Jornadas Mundiais da Juventude, discurso de Ratisbona, renúncia papal, visitas às periferias e processo sinodal). Evidencia-se que João Paulo II destacou o Amor como força redentora e misericordiosa; Bento XVI apresentou a Fé como luz da razão e fundamento da verdade; e Francisco enfatizou a Esperança como motor da alegria*

* Mestre em Computação, Comunicação e Artes com linha de Pesquisa em Mídias em Ambientes Digitais pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2019). Pós-Graduado em Mídias Digitais, Comunicação e Mercado pelo Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos, CESREI, Campina Grande, PB, 2014); Didática no Ensino Superior (FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2020); ABA – Análise do Comportamento Aplicada (Faculdade Conexão, Belo Horizonte, 2024); Administração Pública (Faculdade Alfa do Brasil, 2025). Bacharel em Comunicação Social (Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Campina Grande, PB, 2013). Bacharel e Licenciado em Filosofia (Uninter Centro Universitário, Curitiba, 2022). Bacharel em Teologia (Uninter Centro Universitário, Curitiba, 2023). Bacharel em Administração (Faculdade Aliança do Maranhão, 2025).

E-mail: rprofessorpb@gmail.com.





evangélica e da renovação eclesial. Conclui-se que, apesar das diferentes ênfases, os três pontificados preservam a unidade intrínseca da trilogia virtuosa, reafirmando a vitalidade da tradição cristã e sua relevância para os desafios do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: *Virtudes teológicas; magistério papal; simbolismo teológico; representação simbólica.*

Abstract: *This article examines the symbolic representation of the theological virtues – Faith, Hope, and Love (Charity) – in the magisterium of Popes John Paul II, Benedict XVI, and Francis. The research begins with the biblical, theological, and historical foundations of these virtues, connecting them with their traditional symbolism. Through a hermeneutical and symbolic analysis, using a comparative approach, the study investigates magisterial documents (encyclicals, exhortations) and emblematic pastoral gestures (World Youth Days, the Regensburg lecture, papal resignation, visits to the peripheries, and the synodal process). The findings highlight John Paul II's emphasis on Love as a redemptive and merciful force; Benedict XVI's presentation of Faith as the light of reason and foundation of truth; and Francis's emphasis on Hope as the driving force of evangelical joy, transformative action, and ecclesial renewal. It concludes that, despite different emphases, the three pontificates preserve the intrinsic unity of the theological trilogy, reaffirming the vitality of the Christian tradition and its enduring relevance to the challenges of the contemporary world.*

Keywords: *Theological virtues; papal magisterium; theological symbolism; symbolic representation.*

1 Introdução

No centro da fé cristã situam-se as virtudes teológicas – Fé, Esperança e Amor (Caridade) – compreendidas, desde os primórdios da Igreja, como dons concedidos por Deus e que ultrapassam as capacidades meramente humanas. Não se trata de virtudes naturais ou de simples disposições éticas, mas de graças infundidas que orientam o crente em sua relação com Deus e com o próximo, conformando sua vida à dinâmica da Santíssima Trindade.

O testemunho paulino, em especial a célebre passagem de 1Cor 13,13, estabelece tanto a unidade quanto a hierarquia dessa tríade, conferindo ao Amor um lugar de primazia sem dissolver a interdependência que o une à Fé e à Esperança. Ao longo dos séculos, essa tríade virtuosa estruturou não apenas a teologia espiritual, mas também a reflexão sistemática e o imaginário simbólico do cristianismo, tornando-se uma chave hermenêutica para compreender a experiência de santidade e a prática eclesial.



O contexto posterior ao Concílio Vaticano II ofereceu novas oportunidades e desafios para a vivência dessas virtudes. A Igreja Católica, chamada a dialogar de maneira mais direta com o mundo moderno, precisou encontrar formas de anunciar o Evangelho em meio às transformações culturais, às crises políticas e sociais, bem como à crescente secularização. Nesse horizonte, os pontificados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco emergem como momentos decisivos da história recente da Igreja. Cada um, a seu modo, enfrentou questões complexas de seu tempo: João Paulo II marcou sua presença num cenário ainda polarizado pela Guerra Fria e pelas ideologias totalitárias; Bento XVI buscou responder ao avanço do relativismo cultural e ao enfraquecimento da racionalidade teológica; e Francisco colocou em pauta as periferias existenciais, a crise ecológica e a urgência de uma Igreja sinodal e missionária.

Em todos esses contextos, as virtudes teológicas apareceram não apenas como temas doutrinários, mas sobretudo como realidades simbolicamente comunicadas. O magistério contemporâneo revela que a transmissão da fé ultrapassa a palavra escrita e se manifesta de modo eloquente em gestos e escolhas pastorais que condensam densidade teológica. Exemplos disso podem ser encontrados na criação das Jornadas Mundiais da Juventude por João Paulo II, como expressão do Amor redentor e da centralidade da misericórdia na vida eclesial; na renúncia de Bento XVI, ato inédito na modernidade, que simbolizou uma fé lúcida e despojada, capaz de iluminar também a razão; ou ainda nas visitas de Francisco a refugiados e comunidades marginalizadas, que tornaram visível a Esperança como força transformadora da história e princípio de renovação para a própria Igreja. Esses gestos, por sua natureza performativa, não apenas acompanharam documentos magisteriais, mas se tornaram parte integrante da mensagem eclesial, oferecendo à comunidade cristã e ao mundo um testemunho que articula palavra e ação, doutrina e símbolo.

A análise desses pontificados sob a ótica das virtudes teológicas mostra-se necessária, portanto, por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque revela como o magistério papal contemporâneo se constrói numa tensão fecunda entre tradição e atualização, retomando fundamentos perenes da fé e reinterpretando-os diante dos desafios históricos. Em segundo lugar, porque permite compreender como a linguagem simbólica – frequentemente mais acessível e eficaz do que o discurso teórico – se tornou um canal privilegiado para comunicar a centralidade da Fé, da Esperança e do Amor na vida cristã. Nesse sentido, cada Papa, ao enfatizar simbolicamente uma virtude em particular, contribuiu para



um mosaico mais amplo, no qual a trilogia se mantém unida, mas ganha ressonâncias próprias que refletem as demandas de cada tempo.

A presente investigação propõe-se, assim, a examinar a representação simbólica das virtudes teologais nos pontificados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco. O objetivo não é reduzir cada Papa a uma única dimensão, mas identificar como certas virtudes ganharam maior relevo em seu magistério, seja pela escolha de documentos emblemáticos, seja pela força de gestos pastorais marcantes. Parte-se da hipótese de que João Paulo II projetou sobretudo a Caridade como expressão de um amor redentor e misericordioso, capaz de dar novo vigor à identidade cristã; Bento XVI destacou a Fé em seu vínculo intrínseco com a razão, oferecendo um antídoto ao relativismo cultural e ao vazio espiritual; e Francisco enfatizou a Esperança como motor da alegria evangélica e horizonte de uma Igreja em saída, comprometida com a justiça social e a ecologia integral.

Metodologicamente, o estudo apoia-se em fontes primárias – encíclicas, exortações, discursos e homilias dos três pontificados – acessadas, em grande parte, através do portal oficial do Vaticano (Vatican.va). Essas fontes serão interpretadas à luz da análise teológica e hermenêutica, em diálogo com bibliografia secundária que aborda criticamente o magistério recente. Além dos textos, serão examinados gestos pastorais emblemáticos, considerados como atos simbólicos que ampliam a compreensão do ensino papal.

A abordagem comparativa permitirá identificar convergências e diferenças, bem como avaliar de que maneira os três pontificados expressam, cada qual a seu modo, a vitalidade da tradição cristã e a atualidade perene das virtudes teologais para a Igreja e para a sociedade contemporânea.

2 As virtudes teologais: fundamento teológico e simbólico

As virtudes teologais ocupam posição central na tradição cristã, constituindo o fundamento da vida moral e espiritual do fiel. Diferentemente das virtudes cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança – que se adquirem pelo esforço humano e pela repetição de atos, as virtudes teologais são dons infundidos gratuitamente por Deus na alma do batizado. Essa distinção é decisiva, pois marca a diferença entre um caminho de aperfeiçoamento ético e a participação direta na vida divina.



O Catecismo da Igreja Católica (CIC, n. 1812-1829) é explícito ao afirmar que essas virtudes fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão e que têm a Deus como origem, motivo e objeto imediato. Nesse sentido, fé, esperança e caridade não apenas orientam as faculdades humanas do intelecto e da vontade, mas elevam o homem à ordem sobrenatural, capacitando-o a viver em comunhão com a Santíssima Trindade.

Por sua vez, a fé é a disposição pela qual o homem crê em Deus e em tudo o que Ele revelou e que a Igreja propõe para crer, não como simples adesão intelectual, mas como entrega livre e total à sua vontade. Trata-se de uma fé viva, que atua pela caridade (Gl 5,6), e que, sem obras, está morta (Tg 2,26). A esperança é a virtude que orienta o coração para o Reino dos céus e a vida eterna, sustentando o fiel nos momentos de desânimo e provação. Apoiada na graça divina, ela impede o abatimento e mantém a confiança nas promessas de Cristo: é âncora segura e firme da alma (Hb 6,19) e capacete da salvação (1Ts 5,8). A caridade, finalmente, é o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor de Deus. É superior a todas as virtudes, como proclama São Paulo: o maior destes é o amor (1Cor 13,13). Enquanto vínculo da perfeição (Cl 3,14), a caridade dá forma às demais virtudes e constitui a plenitude da vida cristã.

Essas definições, porém, não podem ser compreendidas apenas como conceitos abstratos. Elas revelam a convicção de que a vida cristã não é resultado exclusivo do esforço humano, mas fruto da ação da graça. Fé, esperança e caridade são, portanto, disposições habituais e firmes, que transformam o ser humano desde dentro e o capacitam a participar da própria vida de Deus. São virtudes que permanecem mesmo diante das fragilidades humanas e que orientam o fiel para o fim último, que é a comunhão eterna com o Criador.

A fundamentação bíblica das virtudes teologais é clara e abundante. O texto mais célebre encontra-se em 1Cor 13,13, no hino à caridade: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor”. Essa passagem não apenas lista as três virtudes, mas estabelece sua hierarquia interna. A fé possibilita a adesão a Deus, a esperança sustenta a caminhada rumo ao cumprimento das promessas, mas a caridade é o próprio fim, pois identifica o fiel com a essência divina: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16).

A Carta aos Hebreus descreve a fé como o fundamento daquilo que se espera, a prova das realidades que não se veem (Hb 11,1), ressaltando seu caráter de certeza e confiança nas verdades invisíveis. A esperança



aparece como firmeza diante das tribulações: foi na esperança que fomos salvos” (Rm 8,24) e alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação” (Rm 12,12). Já a caridade é apresentada como critério último da vida cristã: um mandamento novo vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34). No juízo final, narrado em Mt 25,31-46, Jesus explicita que o amor ao próximo é o critério definitivo da salvação. Assim, a fé introduz na comunhão com Deus, a esperança mantém o fiel no caminho, mas a caridade o une plenamente a Ele.

É importante destacar que, segundo a tradição paulina, a fé e a esperança cessarão na plenitude escatológica, quando o ser humano contemplar a Deus face a face. A fé dará lugar à visão, e a esperança, à posse; somente a caridade permanecerá, pois é a própria vida de Deus comunicada ao ser humano. Esse dado teológico reforça a primazia da caridade, sem diminuir a importância das demais.

Desde os primeiros séculos, os Padres da Igreja refletiram sobre a natureza e a função das virtudes teologais. Santo Agostinho destacou a caridade como raiz de todas as virtudes, reinterpretando inclusive as virtudes cardeais como expressões do amor bem ordenado a Deus. Sua célebre frase “*Dilige et quod vis fac*” (“Ama e faz o que quiseres”) resume sua convicção de que o amor, quando autêntico, conduz inevitavelmente ao bem.

Na Idade Média, São Tomás de Aquino sistematizou a doutrina, distinguindo as virtudes adquiridas das infusas. Para Tomás, a fé ilumina o intelecto, a esperança fortalece a vontade diante do bem árduo que é a vida eterna, e a caridade ordena todos os atos humanos ao fim último, tornando-se a forma de todas as virtudes. Na ordem do conhecimento, a fé é primeira; na ordem da ação, a esperança sustenta; mas na ordem da perfeição, a caridade ocupa o lugar supremo.

O Concílio de Trento, em resposta à Reforma, reafirmou a centralidade dessas virtudes, sobretudo em relação à justificação pela graça. O Catecismo Romano consolidou esse ensinamento, oferecendo uma catequese sistemática que ligava as virtudes teologais ao Credo, aos Mandamentos e à oração cristã. Nos tempos modernos, o Catecismo da Igreja Católica retomou essa tradição e a apresentou em linguagem renovada, reafirmando a unidade e a interdependência das três virtudes.

A tradição cristã não se limitou a desenvolver o conteúdo doutrinário das virtudes teologais, mas também buscou expressá-las



simbolicamente. A iconografia desempenhou papel essencial nesse processo, traduzindo conceitos abstratos em imagens concretas.

A fé, geralmente representada como figura feminina velada, traz atributos como a cruz, o cálice e a lâmpada, símbolos do mistério revelado e da luz que dissipa as trevas. A esperança, também figurada como mulher, aparece com a âncora – alusão direta a Hb 6,19 –, às vezes com asas ou coroa, indicando a elevação da alma e a recompensa celeste. Já a caridade, frequentemente maternal, é retratada com crianças ao colo, com o coração em chamas ou através do pelicano em sua piedade, que fere o próprio peito para alimentar os filhotes, símbolo do amor sacrificial de Cristo.

Esses elementos visuais não têm caráter meramente decorativo: comunicam verdades profundas da fé e servem como pedagogia simbólica. A escolha de atributos, cores e alegorias – branco para a fé, verde para a esperança e vermelho para a caridade – visava instruir os fiéis e fixar na memória a centralidade dessas virtudes. Em contextos específicos, como na Igreja do Santíssimo Sacramento no Recife, a caridade é simbolizada pelo pelicano em sua piedade, associando diretamente o amor divino à Eucaristia, núcleo da vida cristã.

Apesar das diferenças conceituais e simbólicas, as três virtudes permanecem inseparáveis. A fé fornece o conhecimento e a adesão; a esperança sustenta o caminho; a caridade dá sentido e perfeição às demais. É por essa interconexão que a tradição nunca as considerou isoladamente. Cada uma delas tem função própria, mas todas se ordenam a um mesmo fim: a comunhão eterna com Deus.

Essa dimensão unitária é fundamental para a análise que se seguirá neste artigo. Ao examinar os pontificados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco, veremos que, embora cada Papa tenha dado maior ênfase a uma das virtudes, nunca o fez em detrimento das outras. O destaque simbólico particular de cada pontificado – amor em João Paulo II, fé em Bento XVI e esperança em Francisco – não rompe a unidade do conjunto, mas a enriquece, oferecendo um testemunho multifacetado da vitalidade da tradição cristã.

3 João Paulo II: o Amor (Caritas) como força transformadora

O pontificado de João Paulo II (1978-2005) é amplamente reconhecido como um dos mais marcantes da história recente da Igreja Católica,



não apenas pela sua duração, mas também pelo vigor teológico, pastoral e simbólico de seu magistério. Entre as múltiplas chaves hermenêuticas possíveis, a categoria do amor (*caritas*) constitui um eixo privilegiado para compreender sua ação e reflexão. Desde a primeira encíclica, *Redemptor Hominis* (1979), até seus últimos gestos de vida, Wojtyła buscou reafirmar que o amor é a força redentora que revela o sentido do homem e orienta a missão da Igreja.

No início de *Redemptor Hominis*, João Paulo II afirma de modo lapidar: “O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si mesmo um ser incompreensível, a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontrar com o amor, se não o experimentar e não o tornar seu, se não participar nele vivamente” (RH, n. 10). Esta declaração não é apenas antropológica, mas profundamente cristológica: é em Cristo, Verbo Encarnado, que o homem encontra a revelação plena de sua dignidade e vocação. O Papa retoma aqui a intuição do Concílio Vaticano II em *Gaudium et Spes* 22, onde se afirma que “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela também plenamente o homem a si mesmo e descobre-lhe a sublimidade da sua vocação” (GS, n. 22).

Essa ênfase no amor, entendido como chave de leitura da dignidade humana, foi aprofundada na encíclica *Dives in Misericordia* (1980), onde o Papa descreve a misericórdia como “o segundo nome do amor” (DM, n. 7). Ao comentar a parábola do filho pródigo, ele afirma: “O amor é maior que o pecado, mais forte que a morte. É amor sempre pronto a levantar, a perdoar, sempre pronto a ir ao encontro do filho pródigo” (DM, n. 8). Essa perspectiva fundamenta sua proposta de uma “civilização do amor”, capaz de superar as lógicas de ódio, exclusão e violência características do século XX.

João Paulo II por sua vez, não reduz a caridade a sentimentalismo ou benevolência genérica; ao contrário, insere-a na dinâmica da verdade. Sua famosa expressão “*o amor exige*” (RH, n. 9) destaca o caráter exigente do amor cristão, que não pode ser confundido com permissividade. Ele o concebe como força transformadora que exige conversão, compromisso e responsabilidade. Nesse sentido, aproxima-se da tradição agostiniana, segundo a qual “a medida do amor é amar sem medida” (*De Catechizandis Rudibus*, I, 4), e da síntese tomista que define a caridade como “[...] amizade do homem com Deus” (*Summa Theologiae*, II-II, q. 23, a. 1).



A dimensão antropológica do amor encontrou expressão sistemática na chamada *Teologia do Corpo*, uma série de catequeses ministradas entre 1979 e 1984. Nelas, João Paulo II procurou apresentar uma visão integrada da sexualidade humana, compreendida como linguagem do corpo chamada à doação e à comunhão. Ele afirma que “o homem só pode encontrar-se plenamente através de um dom sincero de si mesmo” (TC, Audiência de 16/01/1980), retomando a visão personalista que perpassa toda a sua obra filosófica e teológica. O matrimônio, nessa perspectiva, é visto como reflexo do amor trinitário, no qual homem e mulher participam da comunhão divina por meio da entrega recíproca.

Essa teologia do amor não permaneceu restrita ao campo conceitual, mas foi amplamente traduzida em gestos pastorais de grande impacto simbólico. As Jornadas Mundiais da Juventude, iniciadas em 1986, constituem um exemplo paradigmático. Ao confiar a Cruz Peregrina aos jovens, em 1984, o Papa afirmou: “A Cruz de Cristo fala de amor, de salvação e de missão. Recebei-a e levai-a ao mundo como sinal do amor do Senhor Jesus pela humanidade” (Discurso, 22/04/1984). As JMJ tornaram-se espaços de vivência comunitária, celebração litúrgica e experiência do amor universal de Deus, reforçando a confiança de João Paulo II na juventude como protagonista da evangelização.

Outro aspecto marcante de seu pontificado foi a amplitude missionária. Em *Redemptoris Missio* (1990), o Papa sublinha que a missão é questão de amor: amor a Jesus Cristo e amor ao homem” (RM, n. 89). Suas mais de cem viagens apostólicas, cobrindo todos os continentes, tornaram-se encarnação desse amor pastoral universal. Em encontros com povos indígenas, doentes, marginalizados ou líderes de outras religiões, Wojtyła buscava derrubar barreiras e testemunhar a dignidade de cada ser humano. O encontro inter-religioso de Assis (1986), por exemplo, foi um gesto inovador de diálogo em nome da paz, mesmo tendo suscitado debates internos sobre seus limites e implicações teológicas.

A relação entre amor e sofrimento também foi um eixo central em seu magistério. Na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* (1984), o Papa escreve: “O sofrimento humano atingiu o seu ápice na paixão de Cristo. Ao mesmo tempo, atingiu uma dimensão totalmente nova e um novo sentido: tornou-se participação no sofrimento redentor de Cristo” (SD, n. 18). Essa concepção encontra paralelo em São Paulo, quando afirma: “Completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24). João Paulo II interpreta o sofrimento



como ocasião de manifestação do amor, não de absurdo ou de condenação, e como possibilidade de solidariedade ativa com os que sofrem, à semelhança do Bom Samaritano (cf. SD, n. 28-30).

Sua própria vida encarnou essa teologia do amor e do sofrimento. O atentado de 13 de maio de 1981 e a decisão de perdoar o agressor, visitando-o na prisão, constituíram um gesto eloquente de misericórdia e reconciliação. Nos últimos anos de seu pontificado, a exposição pública de sua fragilidade física, marcada pelo avanço da doença, tornou-se um testemunho vivo da dignidade da vida até seus limites e da fidelidade ao amor de Cristo. Como observa George Weigel (2001, p. 567), o Papa transformou sua própria agonia em catequese, mostrando ao mundo que a fraqueza pode ser lugar de manifestação do amor de Deus.

A ênfase no amor também perpassou sua doutrina social. Documentos como *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991) abordaram questões de desenvolvimento, justiça e solidariedade, sempre à luz da caridade cristã. Em *Evangelium Vitae* (1995), o Papa reafirma a sacralidade da vida humana, denunciando a “cultura da morte” e convocando a uma “cultura da vida” enraizada no amor que acolhe, protege e promove a vida em todas as suas fases. Nesse sentido, sua crítica ao aborto e à eutanásia deve ser entendida não apenas como posição ética, mas como expressão do princípio maior da caridade.

4 Bento XVI: a Fé (*fides*) como luz na razão

Bento XVI (2005-2013), por sua vez, tendo um pontificado mais breve que o de João Paulo II, deixou marcas profundas no magistério da Igreja, sobretudo pela densidade intelectual e pela insistência na relação intrínseca entre fé e razão. Joseph Ratzinger, teólogo de formação acadêmica sólida, identificou na cultura ocidental contemporânea um processo de erosão dos fundamentos racionais da fé e, correlativamente, uma redução da razão a mera racionalidade instrumental.

Diante do avanço do relativismo, denunciado já em sua homilia antes do conclave como a ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo, Bento XVI procurou apresentar a fé cristã como luz que ilumina a razão humana, oferecendo-lhe horizonte e fundamento.

Sua primeira encíclica, *Deus Caritas Est* (2005), ainda que dedicada à caridade, já introduz a articulação fundamental entre fé, razão e amor. Ratzinger analisa as formas de amor – *eros* e *ágape* – e sustenta



que o amor humano, para não se degradar em mero instinto ou consumo, precisa ser purificado pelo amor oblativo de Deus. Ele escreve: “O *eros* precisa de disciplina e purificação para dar ao homem não o prazer momentâneo, mas um vislumbre do cume da existência” (DCE, n. 4). A fé, nesse contexto, permite ao homem reconhecer no amor divino a fonte que eleva e integra o amor humano.

Além disso, Bento XVI destaca que a prática da caridade não pode ser reduzida a sentimentalismo, mas deve ser exercida com racionalidade e justiça: “O amor deve ser organizado de modo que, na comunidade eclesial, cada um sinta-se amado” (DCE, n. 20). Aqui se percebe como a fé ilumina a razão prática, orientando a caridade para além da emoção imediata. Dois anos depois, em *Spe Salvi* (2007), Bento XVI dedica-se à esperança, mas apresenta a fé como seu fundamento indispensável. Citando Hebreus 11,1, ele afirma que a fé é substância das coisas que se esperam e prova das que não se veem. O Papa observa: que “a fé não é apenas uma inclinação pessoal, mas é uma certeza que nos permite viver já agora a vida futura” (SS, n. 7). Para ele, as esperanças puramente intramundanas – como o progresso técnico ou político – são frágeis e incapazes de sustentar a existência. Somente a fé, ao abrir o homem ao Deus vivo, gera uma esperança confiável que ilumina o presente e dá sentido ao sofrimento.

Essa linha de pensamento alcança sua síntese em *Lumen Fidei* (2013), encíclica iniciada por Bento XVI e concluída por Francisco. O documento insiste que a fé não é trevas ou irracionalidade, mas luz que permite ao ser humano ver a realidade em sua totalidade: “A fé nasce do encontro com o Deus vivo, que nos chama e nos revela o seu amor. Transformados por este amor, recebemos novos olhos para ver a realidade” (LF, n. 4). A fé, assim, não nega a razão, mas a amplia, permitindo-lhe reconhecer dimensões que escapam à simples empiria.

Esse vínculo entre fé e razão já estava presente nas obras acadêmicas de Ratzinger. Em *Introdução ao Cristianismo* (1968, p. 74), define a fé como um salto, não no vazio, mas para dentro de um Logos que precede e sustenta todas as coisas. Nessa obra, o teólogo já antecipava uma de suas teses centrais: a união entre o “Deus dos filósofos” e o “Deus da fé bíblica”. Ele escreve que o cristianismo ousou unir o Deus dos filósofos, da razão, com o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Essa síntese é, para ele, uma das marcas distintivas do cristianismo.

O célebre Discurso de Ratisbona (2006) tornou-se um momento emblemático desse magistério. Nele, Bento XVI citou o imperador



bizantino Manuel II Paleólogo: “Não agir segundo a razão é contrário à natureza de Deus”. Sua tese central era que a fé cristã não nasceu contra a razão, mas no encontro entre a revelação bíblica e a filosofia grega. O Papa criticou as tentativas de “deselenização do cristianismo”, que reduziriam a fé a sentimento ou a razão a positivismo. Sua proposta era recuperar uma razão “ampliada”, capaz de dialogar com o transcendente. Apesar das polêmicas sobre a referência ao Islã, o discurso foi, em essência, um apelo ao Ocidente para não renunciar à sua herança de fé e razão integradas.

Essa preocupação se deve ao contexto da secularização. Para Bento XVI, a razão moderna corre o risco de se autolimitar, reduzindo-se ao que é verificável experimentalmente. Ele adverte: “Aquilo que hoje se chama de razão científica é uma forma de razão mutilada”. Contra esse reducionismo, a fé aparece como horizonte que reabre a razão às grandes questões do sentido, de Deus e da moral. Longe de ser irracional, a fé é apresentada como razoável e necessária, porque liberta a razão de seu fechamento e a conduz ao Logos criador.

A defesa da fé como luz contra o relativismo se articula também com sua visão da verdade. Em diversas ocasiões, Bento XVI advertiu contra a “ditadura do relativismo”, onde cada indivíduo cria sua própria medida da verdade. Para ele, a fé cristã, ao revelar o Deus que é Verdade e Amor, oferece um critério objetivo que protege a dignidade humana e sustenta a convivência social. A fé não oprime, mas liberta, pois permite ao homem enraizar-se em algo que não depende de modas culturais ou interesses de poder.

O gesto final de Bento XVI – sua renúncia em fevereiro de 2013 – pode ser interpretado à luz dessa mesma teologia. Em sua declaração, afirmou: “Depois de ter repetidamente examinado a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que minhas forças... já não são adequadas para exercer de modo adequado o ministério petrino”. Esse ato foi expressão de fé na providência de Deus, de razão que reconhece os limites humanos e de amor pela Igreja. Longe de ser sinal de fraqueza, a renúncia revelou coerência com seu magistério: a fé confiante, a razão lúcida e a caridade que se traduz em serviço despojado.

Por fim, a figura de Bento XVI permanece como testemunho de que a fé cristã é inseparável da verdade e da razão. Sua insistência em apresentar a fé como luz não foi mera reação conservadora, mas um esforço sistemático para mostrar que, sem Deus, a razão humana se perde



em contradições. Ao proclamar que “a fé amplia os horizontes da razão” (LF, n. 34), ele reafirmou que somente na abertura ao Logos divino a humanidade pode encontrar fundamento sólido para a esperança e a caridade. Seu legado permanece como convite ao diálogo entre fé e cultura, razão e revelação, mostrando que a fé não obscurece, mas ilumina.

5 Francisco: a Esperança como caminho de renovação

O pontificado de Francisco, iniciado em 2013, trouxe à cena eclesial mundial um estilo novo, marcado pela simplicidade, pela proximidade e pela ênfase pastoral na misericórdia, na justiça social e no cuidado da criação. Embora as três virtudes teológicas permeiem o conjunto de seu magistério, a esperança emerge como uma categoria privilegiada, tanto no nível da teologia quanto da práxis pastoral. Trata-se, porém, de uma esperança ativa, dinâmica e missionária, que se opõe ao desânimo, à resignação e ao fechamento. Francisco insiste que a esperança cristã não é espera passiva, mas força que impulsiona o discípulo de Cristo a sair de si, a ir às periferias e a trabalhar pela transformação da sociedade e da própria Igreja.

Desde sua primeira exortação apostólica, *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa argentino estabeleceu o tom de seu pontificado. Logo no início, afirma: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, n. 1). Essa alegria é fruto do encontro com o Ressuscitado e torna-se fonte de esperança para quem vive em meio às dificuldades do mundo contemporâneo. A insistência em que “Deus nunca se cansa de perdoar; somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia” (EG, n. 3) traduz-se em um convite constante a recomeçar, a levantar-se e a acreditar que a vida pode ser sempre renovada. A esperança, aqui, assume um caráter missionário, animando a Igreja a “sair de si mesma” para anunciar a Boa Nova em todas as periferias geográficas e existenciais.

Essa dimensão missionária da esperança encontra eco em *Laudato Si'* (2015), encíclica dedicada ao cuidado da casa comum. Francisco não oculta a gravidade da crise socioambiental, chegando a falar de sintomas de doença que se manifestam no solo, na água, no ar e nos seres vivos (LS, n. 2). Ainda assim, insiste que nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de se degradar ao extremo, também podem superar-se, voltar a escolher o bem, regenerar-se (LS, n. 205).



Aqui a esperança é apresentada como capacidade de conversão, tanto pessoal quanto comunitária, alimentada pela fé no Deus Criador que não abandona a obra de suas mãos. Pequenos gestos cotidianos, como evitar o desperdício e cultivar um estilo de vida simples, tornam-se atos de esperança concreta, capazes de gerar transformação.

Na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), Francisco amplia o horizonte da esperança para a esfera social e política. Em meio a um mundo ferido pela pandemia da COVID-19, pela cultura do descarte e pelo recrudescimento de nacionalismos, o Papa apresenta a fraternidade universal como caminho de esperança: “Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos abriga a todos” (FT, n. 8). Inspirado em São Francisco de Assis e na parábola do Bom Samaritano, propõe uma política do bem comum e uma cultura do encontro. A esperança, neste caso, traduz-se na convicção de que ninguém se salva sozinho” (FT, n. 54) e que é possível construir um mundo mais justo e solidário.

Um elemento recorrente no magistério de Francisco é a chamada “teologia da ternura”, apresentada como expressão concreta da esperança cristã. “A ternura é a linguagem dos pequenos, daqueles que precisam de um outro expressa na Audiência de 14/01/2015. Em outra ocasião, na Homilia de 25/12/2014, declarou que “A ternura é o caminho que escolheram os mais fortes”. Para ele, a ternura de Deus não é fraqueza, mas proximidade, compaixão e cuidado. Essa experiência funda a esperança, pois um Deus que se inclina sobre a fragilidade humana é um Deus no qual se pode confiar plenamente. A “revolução da ternura”, como Francisco a chama (EG, n. 88), é motor de esperança porque transforma relações humanas e restaura confiança na vida.

A esperança no magistério de Francisco direciona-se prioritariamente às periferias. A imagem da Igreja como “hospital de campanha” (EG, n. 47) expressa a convicção de que a missão eclesial deve centrar-se nos feridos e excluídos. Ir às periferias não é apenas gesto de caridade, mas ato de esperança: proclamar que ninguém está condenado à exclusão definitiva, que sempre há um caminho de reintegração e de dignidade. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento” (EG, n. 49). Essa insistência em sair, encontrar, acompanhar e incluir é expressão concreta da esperança que o Evangelho oferece.

Francisco também comunicou essa teologia da esperança através de gestos simbólicos. Sua primeira viagem como Papa, a Lampedusa



(2013), foi um ato profético. Ali denunciou, na Homilia de 08/07/2013, a “[...] globalização da indiferença” diante da tragédia dos migrantes. Em Lesbos (2016), junto com o Patriarca Bartolomeu, encontrou refugiados e levou consigo algumas famílias para Roma, gesto que uniu compaixão concreta e apelo político. Do mesmo modo, o lava-pés em prisões, hospitais ou centros de refugiados, durante a Quinta-feira Santa, é gesto simbólico que comunica esperança a partir da proximidade com os descartados. Esses sinais concretos dão visibilidade a uma esperança que não se limita a discursos, mas se encarna em ações.

No campo inter-religioso, a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana, em Abu Dhabi (2019), com o Grande Imã de Al-Azhar, é outro marco da esperança em Francisco. Ali, declarou: “A fé leva o crente a ver no outro um irmão a ser apoiado e amado” (DFH, 2019). Em um mundo marcado por conflitos religiosos, o Papa sustenta que o diálogo é o caminho para a paz duradoura e para a esperança de um futuro comum. Esse gesto amplia a dimensão da esperança cristã, que se abre ao universal, em linha com a tradição conciliar.

Outro aspecto decisivo é a sinodalidade, que Francisco em seu discurso de 17/10/2015, considera “o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.” O processo sinodal em curso, iniciado em 2021, representa um exercício de esperança eclesial, pois devolve a voz a todo o povo de Deus, em sua diversidade de carismas. Ao superar o clericalismo e valorizar a escuta mútua, Francisco projeta uma Igreja mais participativa e corresponsável. A esperança aqui consiste em acreditar que o Espírito Santo continua a conduzir a Igreja, renovando-a a partir da escuta dos sinais dos tempos.

Assim, a esperança no pontificado de Francisco se manifesta de maneira multifacetada: é alegria missionária que brota do Evangelho (*Evangelii Gaudium*), é confiança na capacidade de conversão ecológica (*Laudato Si'*), é fraternidade universal como resposta às divisões do mundo (*Fratelli Tutti*), é ternura que transforma relações e aproxima a Igreja dos mais frágeis, é gesto profético que denuncia a indiferença global, é sinodalidade que abre futuro para a comunidade eclesial. Como ele mesmo afirmou: “A esperança é ousada, sabe olhar para além da comodidade pessoal, das pequenas seguranças e compensações que estreitam o horizonte” (FT, n. 55).

A culminância simbólica dessa ênfase na esperança pode ser associada ao Jubileu da Esperança de 2025, proclamado por Francisco



como tempo privilegiado de conversão, misericórdia e renovação da fé no horizonte da Igreja universal.

O jubileu, tradição bimilenar que marca a história da Igreja, foi apresentado por ele como ocasião para reacender a confiança num futuro aberto à ação do Espírito, capaz de superar as crises e divisões contemporâneas. Sua morte, ocorrida pouco antes da celebração do Jubileu, revestiu de dramaticidade e de testemunho o encerramento de seu pontificado. Francisco não apenas preparou um Ano Santo dedicado à esperança, mas com sua vida e morte ofereceu à Igreja um legado perene: a convicção de que a esperança cristã não se extingue, mas se renova no seguimento de Cristo, que “[...] é o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Assim, a memória de Francisco permanece indissociável do Jubileu da Esperança, como sinal escatológico de que, mesmo diante da morte, a Igreja caminha sustentada pela fé e animada pela caridade, tendo a esperança como força vital que projeta o Povo de Deus para além da história em direção à eternidade.

6 A unidade das virtudes teologais no magistério contemporâneo

A análise dos pontificados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco revela um panorama rico e dinâmico da recepção e da representação simbólica das virtudes teologais na Igreja Católica contemporânea. Embora cada Papa tenha trazido seu carisma, estilo e resposta aos desafios específicos de seu tempo, resultando em ênfases distintas, observa-se uma continuidade doutrinária substancial e uma interconexão essencial entre Amor, Fé e Esperança.

Essa diversidade de abordagens não configura ruptura, mas um desenvolvimento orgânico dentro da Tradição viva, onde cada pontificado dialoga com o anterior e prepara o terreno para o seguinte. Como lembra Bento XVI na *Lumen Fidei* “A fé é uma realidade comunitária, que se transmite e se desenvolve em continuidade” (2013, n. 38).

É fundamental reiterar que essas ênfases não isolam as virtudes, mas revelam diferentes portas de entrada ao mesmo núcleo evangélico. O amor de João Paulo II estava profundamente radicado na fé cristológica e na esperança escatológica. A fé de Bento XVI não era um intelectualismo estéril, mas conduzia à caridade ativa e à esperança sólida. A esperança de Francisco brota da fé no encontro pessoal com Cristo e se traduz em gestos de amor



misericordioso. A interligação teológica permanece a mesma: “A fé atua pela caridade” (Gl 5,6) e se projeta na esperança que “não decepciona” (Rm 5,5).

Dessa forma, pode-se compreender que, embora a ênfase simbólica e pastoral varie de acordo com o contexto histórico e o carisma pessoal de cada Papa, há uma unidade subjacente entre as três virtudes, onde a caridade é “a forma de todas” (S. Tomás de Aquino, *STh* II-II, q. 23, a. 8). O que se modifica são os acentos e os símbolos, mas não a substância do ensinamento.

A seguir, apresenta-se uma tabela comparativa que sintetiza os principais documentos, gestos e símbolos de cada pontificado em relação às virtudes teológicas. Essa síntese facilita a percepção das nuances, das continuidades e das inovações, constituindo a base da análise crítica desta pesquisa.

Tabela 1: Ênfases Comparativas nas Virtudes Teológicas

Virtude Teologal	João Paulo II	Bento XVI	Francisco
Amor/Caridade	Ênfase Principal: Redenção, Misericórdia, Dignidade Humana. <i>RH, DM, EV</i> . Teologia do Corpo. JMJ, Perdão ao agressor.	Fundamento e Fim (<i>DCE</i> – Eros/Agape). Caridade organizada como tarefa da Igreja. Ligado à Verdade (<i>CIV</i>).	Ênfase Derivada: Misericórdia pastoral, Ternura, Amizade Social (<i>FT</i>). Cuidado com os pobres e a criação (<i>LS</i>). Proximidade nas periferias.
Fé	Fundamento da Redenção e da Missão (<i>RM</i>). Testemunho até o martírio.	Ênfase Principal: Luz para a Razão (<i>LF, Ratisbona</i>). Verdade vs. Relativismo. <i>Introdução ao Cristianismo</i> . Renúncia como ato de fé.	Ênfase Derivada: Fonte da Alegria e Esperança (<i>EG</i>). Encontro pessoal com Cristo. Fé do Povo de Deus (Sinodalidade). <i>LF</i> (conclusão).
Esperança	Na Redenção e na Vida Eterna. Sentido do Sofrimento (<i>SD</i>). Ardor Missionário (<i>RM</i>).	Fundamentada na Fé e na Vida Eterna (<i>SS</i>). Distinção das esperanças mundanas. Ligada à Justiça e ao Juízo Final.	Ênfase Principal: Motor da Alegria e Ação (<i>EG</i>). Esperança ecológica (<i>LS</i>). Esperança na Fraternidade (<i>FT</i>). Sinodalidade. Periferias.



Documento Chave (Hipótese de Ênfase)	<i>Redemptor Ho- minis / Dives in Misericordia</i>	<i>Spe Salvi / Deus Caritas Est / Lu- men Fidei</i>	<i>Evangelii Gau- dium / Laudato Si' / Fratelli Tutti</i>
Gesto Simbólico Chave (Hipótese de Ênfase)	JMJ / Viagens / Perdão ao agres- sor / Testemunho do sofrimento	Discurso de Ratisbona / Re- núncia	Visitas a Perife- rias (Lampedusa) / Diálogo Inter- religioso (Abu Dhabi) / Processo Sinodal

Fonte: dados elaborados pelo autor, 2025.

Legenda: RH=Redemptor Hominis, DM=Dives in Misericordia, EV=Evangelium Vitae, RM=Redemptoris Missio, SD=Salvifici Doloris, DCE=Deus Caritas Est, SS=Spe Salvi, CIV=Caritas in Veritate, LF=Lumen Fidei, EG=Evangelii Gaudium, LS=Laudato Si', FT=Fratelli Tutti.

A análise confirma a crescente importância dos gestos simbólicos na comunicação papal. Se a palavra escrita e oral continua sendo fundamental, especialmente no magistério de Bento XVI, os atos e gestos de João Paulo II e Francisco adquiriram uma força comunicativa própria, capaz de transcender barreiras linguísticas e culturais e de impactar a opinião pública global na era midiática.

Tabela 2: Contextos Históricos Pastorais

Papa	Virtude em Ênfase	Contexto histórico-pastoral
João Paulo II	Amor/Caridade	Pós-guerra, queda do comunismo, globalização cultural
Bento XVI	Fé	Crise da modernidade, relativismo, secularização europeia
Francisco	Esperança	Crises sociais, ecológicas e eclesiais; mundo multipolar

Fonte: dados elaborados pelo autor, 2025

A pastoralidade, entendida como a dimensão prática e existencial da teologia em vista da missão da Igreja no mundo, é um elemento transversal ao magistério de João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Não se trata apenas de traduzir a doutrina em ações concretas, mas de integrar fé, esperança e caridade em gestos e propostas que dialoguem com os desafios históricos de cada época. Por isso, ao analisar cada pontificado



a partir da virtude teologal predominante, a pastoralidade permite compreender como esses assentos não são apenas abstrações teológicas, mas respostas vivas às necessidades da Igreja e da humanidade.

Em João Paulo II, a pastoralidade manifesta-se na ênfase missionária da caridade e da misericórdia, interpretadas como respostas diretas às feridas históricas do século XX. Proveniente da Polônia marcada pelo nazismo e pelo comunismo, Wojtyła viveu pessoalmente os dramas da guerra, da repressão e da perda da liberdade religiosa, o que o levou a proclamar com vigor a centralidade da dignidade humana e do amor redentor de Cristo. Ao propor uma “civilização do amor” como alternativa à violência ideológica e à fragmentação cultural da globalização nascente, João Paulo II comunicou de modo performativo o amor de Deus como resposta concreta às feridas do pós-guerra, à queda dos regimes totalitários e às novas dinâmicas culturais globais.

Bento XVI observava com preocupação a secularização acelerada da Europa, que ele chamava de “descristianização”. Ele não via a secularização apenas como a separação entre Igreja e Estado, mas como o esvaziamento da fé do espaço público e da vida das pessoas. A Europa, que já foi o berço do cristianismo, se tornava cada vez mais indiferente à religião. Para ele, esse fenômeno não apenas enfraquecia a Igreja, mas também comprometia os próprios alicerces da civilização europeia, que, segundo ele, têm raízes cristãs profundas. A resposta de Bento XVI a isso não era a busca de privilégios para a Igreja, mas um novo esforço de evangelização e de “propor” a fé, não de “impor”, em um contexto de liberdade e de diálogo.

Francisco por sua vez, tem uma visão integrada das crises que afetam a humanidade, acreditando que elas estão interconectadas, com isso, ele pode atuar em um cenário geopolítico onde o poder não estava mais concentrado unicamente no Ocidente. Sendo uma resposta pastoral e profética aos desafios mais urgentes do nosso tempo, movido por uma visão de que as crises atuais são sintomas de uma desconexão mais profunda.

A teologia clássica (cf. Santo Tomás, *STh* II-II, q. 23-26, 2005) ensina que as virtudes teologais são inseparáveis, mas possuem uma ordem: a fé gera a esperança, e ambas encontram sua plenitude na caridade. A análise mostra que os pontificados contemporâneos não negam essa interconexão, mas a representam simbolicamente com acentos distintos.



Tabela 3: Simbiose das Virtudes

Virtude	João Paulo II (Amor)	Bento XVI (Fé)	Francisco (Esperança)
Fé	Fundamento da caridade redentora	Central para a razoabilidade cristã	Encontro pessoal com Cristo que gera esperança
Esperança	Radicada na vitória de Cristo	Derivada da fé em Cristo Logos	Virtude ativa, social, ecológica e sinodal
Caridade	Força redentora e misericordiosa	Expressão da fé verdadeira	Encarnada na ternura e na proximidade

Fonte: dados elaborados pelo autor, 2025.

A evolução do magistério dos três pontificados analisados evidencia uma mudança gradual na autocompreensão da Igreja, perceptível tanto em sua linguagem quanto em sua práxis pastoral. Em João Paulo II, predominou uma Igreja que proclama, com forte ênfase no magistério doutrinário e em uma gestualidade midiática que o tornou um ícone missionário global, encarnando a dimensão testemunhal e carismática da fé. Em Bento XVI, observa-se uma Igreja que dialoga, sustentada pela palavra teológica precisa e pela defesa da razoabilidade da fé, frente ao relativismo e à secularização, projetando a imagem de uma Igreja que ensina e defende a verdade mediante a “razão alargada”.

Já em Francisco, emerge a imagem de uma Igreja que acompanha, marcada pela proximidade, simplicidade e gestos simbólicos de inclusão; aqui, o perfil eclesial desloca-se para a sinodalidade, a misericórdia e a missão “em saída” (*Evangelii Gaudium*, n. 24). Esse percurso não indica ruptura, mas uma hermenêutica de continuidade dinâmica, em que cada Papa responde aos desafios de seu tempo com acentos próprios, contribuindo para o desenvolvimento orgânico da pastoralidade da Igreja contemporânea.

Tabela 4: Perfis Comunicacionais e eclesiais

Papa	Perfil comunicacional predominante	Perfil eclesial enfatizado
João Paulo II	Gestualidade midiática + palavra missionária	Igreja missionária, testemunhal e carismática



Bento XVI	Palavra doutrinal, discurso teológico-racional	Igreja que ensina e defende a fé (razão alargada)
Francisco	Gesto simbólico, proximidade e simplicidade	Igreja sinodal, misericordiosa, em saída

Fonte: dados elaborados pelo autor, 2025.

A transição dos três pontificados mostra que, longe de rupturas, há uma orquestração simbólica da tradição cristã. Cada Papa acentua uma das virtudes, mas sem excluir as demais, configurando um movimento orgânico da Tradição viva. João Paulo II projetou a caridade no horizonte missionário; Bento XVI fortaleceu a fé no diálogo com a razão; Francisco ativou a esperança como virtude transformadora da Igreja e da sociedade.

Considerações finais

Este estudo ofereceu uma leitura teológico-analítica da trilogia das virtudes (Fé, Esperança, Caridade) como chave hermenêutica do magistério recente, articulando doutrina, símbolo e práxis em três níveis: (i) fundamentos bíblico-dogmáticos; (ii) configuração magisterial (documentos, discursos); (iii) performatividade pastoral (gestos com densidade teológica). Abaixo, sintetizamos os ganhos teóricos, as evidências empíricas organizadas pelas Tabelas 1-4, as limitações metodológicas e uma agenda de investigação.

A análise da trilogia das virtudes no magistério de João Paulo II, Bento XVI e Francisco confirma a permanência da ordem clássica *fides-spes-caritas* como realidade dinâmica e não estática. A fé abre o horizonte inteligível e fundamenta a racionalidade ampliada, a esperança mobiliza historicamente a ação da Igreja em chave teleológica e a caridade confere forma, critério e normatividade ao agir eclesial. Esse dinamismo se revela não apenas nos textos doutrinários, mas também nos gestos performativos, que assumem valor teológico e pastoral. Assim, documentos como *Redemptor Hominis*, *Spe Salvi* ou *Evangelii Gaudium* oferecem a base conceitual, enquanto ações como as Jornadas Mundiais da Juventude, o discurso de Ratisbona, a renúncia de 2013 e as visitas de Francisco às periferias tornam-se “sacramentos de significado”, nos quais a mensagem evangélica é encarnada e comunicada com força global.

O estudo demonstrou que a correlação entre “Igreja que proclama”, “Igreja que dialoga” e “Igreja que acompanha” não representa uma



ruptura, mas uma superposição cumulativa na autocompreensão eclesial. João Paulo II, marcado pelo contexto do pós-guerra e da globalização cultural, destacou a caridade como misericórdia redentora, comunicada de forma missionária e testemunhal. Bento XVI, diante da crise da modernidade e do avanço do relativismo europeu, defendeu a fé como luz da razão, reforçando a necessidade de uma “razão alargada” capaz de dialogar com a modernidade sem ceder ao secularismo. Francisco, por sua vez, situado em um mundo multipolar e em crise social, ecológica e eclesial, enfatizou a esperança como energia transformadora, articulada com a misericórdia, a sinodalidade e a ecologia integral. As tabelas comparativas corroboraram que cada Papa acentuou uma dimensão da tríade, mas sempre de modo interdependente, de forma que a fé sem caridade se tornaria intelectualismo, a esperança sem fé derivaria em voluntarismo e a caridade sem verdade se reduziria a filantropia.

Com isso, pode-se afirmar que a pesquisa atingiu plenamente os objetivos delineados na introdução: identificou a fundamentação bíblica e teológica das virtudes teologais, analisou sua representação simbólica nos três pontificados recentes, comparou continuidades e diferenças em documentos e gestos, e refletiu sobre sua relevância pastoral no contexto contemporâneo. O modelo analítico proposto – articulando dogmática, semiótica e pastoral – mostrou-se eficaz para evidenciar como os símbolos não apenas ilustram, mas co-constituem o magistério, revelando uma dimensão verbo-performativa essencial à comunicação da fé.

Do ponto de vista científico, o artigo contribui com um referencial metodológico integrador, aplicável a outros ciclos magisteriais e potencialmente replicável em diferentes amostras e contextos históricos. Do ponto de vista pastoral, aponta caminhos concretos: currículos formativos que integrem a razoabilidade da fé (Bento XVI), a gramática da misericórdia (João Paulo II) e o método sinodal (Francisco); planejamentos pastorais que articulem documentos e gestos simbólicos; e uma comunicação eclesial mais atenta à semiótica dos sinais.

Reconhece-se, entretanto, algumas limitações: a seleção do corpus restringiu-se a encíclicas, exortações e gestos paradigmáticos, carecendo de uma análise mais ampla de homilias, catequeses e recepção comunitária; além disso, a associação heurística “um Papa–uma virtude” deve ser entendida como recurso metodológico e não como redução teológica. Tais limites, contudo, foram mitigados pela ênfase na interdependência das virtudes, conforme explicitado na Tabela 3.



Para pesquisas futuras, sugere-se o uso de ferramentas digitais de análise de conteúdo, a realização de estudos de recepção em diferentes contextos culturais e eclesiais, e a comparação inter-religiosa entre virtudes cristãs e valores universais presentes em documentos de diálogo. Tais avanços permitirão não apenas ampliar a base empírica, mas também aprofundar a compreensão da “economia dos símbolos” na comunicação religiosa contemporânea.

Em conclusão, este artigo não apenas demonstrou a centralidade das virtudes teológicas no magistério papal recente, mas também confirmou que a tradição cristã permanece dinâmica e fecunda. O amor estrutura o critério último do agir eclesial, a fé amplia a inteligência do real e a esperança projeta a missão para o futuro. A convergência dos três pontificados analisados mostra que a missão da Igreja hoje requer conteúdo verdadeiro, forma inteligível e gestos performativos – três dimensões inseparáveis para anunciar o Evangelho em um mundo simultaneamente hipermediatizado e carente de sentido. Nesse horizonte, o Jubileu da Esperança de 2025, preparado por Francisco como tempo de conversão e de confiança renovada no Espírito, aparece como síntese escatológica e pastoral de todo o percurso estudado: um sinal de que, apesar das crises, a Igreja caminha sustentada pela fé, animada pela caridade e projetada pela esperança que não decepciona (Rm 5,5).

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2016.
- AGOSTINHO, Santo. *De Catechizandis Rudibus*. In: *Obras Completas*. São Paulo: Paulus, 2000.
- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. II-II, q. 23–26. São Paulo: Loyola, 2005.
- BENTO XVI. *Deus Caritas Est*: Carta Encíclica sobre o amor cristão. Vaticano, 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.
- BENTO XVI. *Spe Salvi*: Carta Encíclica sobre a esperança cristã. Vaticano, 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.
- BENTO XVI. *Lumen Fidei*: Carta Encíclica sobre a fé. Vaticano, 2013. (Iniciada por Bento XVI e concluída por Francisco). Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.



BENTO XVI. *Homilia na Missa Pro Eligendo Pontifice*. Vaticano, 18 abr. 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

BENTO XVI. *Discurso na Universidade de Ratisbona*. Vaticano, 12 set. 2006. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Vaticano, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano, 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO; AL-TAYYEB, Ahmad. *Documento sobre a Fraternidade Humana pela Paz Mundial e a Convivência Comum*. Abu Dhabi, 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO. *Discurso na Celebração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos*. Vaticano, 17 out. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

FRANCISCO. *Homilia em Lampedusa*. Vaticano, 8 jul. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Redemptor Hominis*: Carta Encíclica sobre o Redentor do homem. Vaticano, 1979. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*: Carta Encíclica sobre a misericórdia de Deus. Vaticano, 1980. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.



JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*: Carta Apostólica sobre o sofrimento humano. Vaticano, 1984. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a missão da Igreja. Vaticano, 1990. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Evangelium Vitae*: Carta Encíclica sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Vaticano, 1995. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Centesimus Annus*: Carta Encíclica sobre a doutrina social da Igreja. Vaticano, 1991. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Sollicitudo Rei Socialis*: Carta Encíclica sobre a preocupação social da Igreja. Vaticano, 1987. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Catequeses sobre a Teologia do Corpo*. Audiências Gerais (1979-1984). Vaticano. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

JOÃO PAULO II. *Discurso aos jovens sobre a entrega da Cruz*. Vaticano, 22 abr. 1984. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 3 set. 2025.

RATZINGER, Joseph. *Einführung in das Christentum. Vorlesungen über das apostolische Glaubensbekenntnis*. Munique: Kösel-Verlag, 1968.

WEIGEL, George. *Testemunho de esperança: a biografia de João Paulo II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.